

Deus Tornou-se Homem?

(parte 1 de 5): Uma crença natural em Deus



A vasta maioria dos seres humanos sempre acreditou em Deus. Desde as civilizações mais antigas até as mais primitivas das sociedades modernas, as religiões com Deus em seu centro formaram a base da cultura humana. De fato, a negação da existência de Deus (ateísmo) ao longo da história estava limitada a poucos indivíduos até o surgimento do comunismo no século 20. Mesmo hoje, nas sociedades seculares do ocidente, em que cientistas sociais modernos armados com teorias darwinianas argumentam que Deus é meramente fruto da imaginação coletiva humana, a maioria esmagadora dos cidadãos, leigos e até cientistas, mantêm-se firmes a sua crença em Deus.

Conseqüentemente, o conjunto esmagador dos dados arqueológicos em apoio a existência de Deus levou alguns antropólogos a concluir que a crença em Deus (deísmo) deve ser inata e não aprendida. Embora a maior parte dos cientistas sociais proponha algo diferente, descobertas científicas recentes parecem apoiar a posição minoritária de que o deísmo é inato. Em um artigo intitulado “Ponto de Deus encontrado no Cérebro”, o Dr. Vilayanur Ramachandran da Universidade da Califórnia em San Diego disse que o fenômeno da crença religiosa em Deus é inato ao cérebro.

“Ponto de Deus” é Encontrado no Cérebro

Steve Connor

Correspondente de Ciências

OS CIENTISTAS acreditam ter descoberto um “módulo de Deus” no cérebro, que pode ser responsável pelo instinto evolucionário do homem para acreditar em religião.

Um estudo em epiléticos, conhecidos por terem experiências profundamente espirituais, localizou um circuito de nervos na parte frontal do cérebro, que parece estar eletricamente ativo quando pensam sobre Deus.

Os cientistas disseram que embora a pesquisa e suas conclusões sejam preliminares, resultados iniciais sugerem que o fenômeno de crença religiosa está “conectado” no cérebro.

Pacientes epiléticos que sofrem de ataques repentinos do lóbulo frontal do cérebro disseram que frequentemente experimentam episódios místicos intensos e ficam obcecados com espiritualidade religiosa.

Uma equipe de neurocientistas da Universidade da Califórnia em San Diego disse que a explicação mais intrigante é que o ataque causa uma superestimulação dos nervos em uma parte do cérebro conhecida como o “módulo de Deus”.

“Pode haver maquinário neural dedicado nos lobulos temporais referente à religião. Pode ter evoluído para impor ordem e estabilidade na sociedade,” relatou a equipe em uma conferência semana passada.

Os resultados indicam que uma pessoa acreditar em uma religião ou mesmo em DEUS pode depender do quanto essa parte do circuito elétrico do cérebro é desenvolvida.

O Dr. Vilayanur Ramachandran, chefe da equipe de pesquisa, disse que o estudo envolveu a comparação de pacientes epiléticos com pessoas normais e um grupo que disse que era intensamente religioso.

Monitores elétricos sobre suas peles – um teste padrão para atividade nos lobulos temporais do cérebro – mostraram que os epiléticos e as pessoas profundamente religiosas apresentavam uma resposta semelhante quando lhes eram mostradas palavras invocando crença espiritual.

Cientistas evolucionistas sugeriram que a crença em Deus, que é um traço comum, encontrada em sociedades humanas em todo o mundo e através da história, pode ter sido embutida no complexo circuito elétrico do cérebro como uma adaptação darwiniana para encorajar a cooperação entre indivíduos.

Se a pesquisa estiver correta e existir um “módulo de Deus”, isso pode sugerir que indivíduos ateus podem ter um circuito neural configurado de forma diferente.

Um porta-voz de Richard Harries, o bispo de Oxford, disse que se existe ou não um “módulo de Deus” é uma questão para os cientistas, não para os teólogos. “Não seria surpresa se Deus tivesse nos criado com um dispositivo físico para a crença,” disse. [1]

Apesar da evidência crescente de que o homem está conectado com “um dispositivo físico para a crença”, o fato de o conceito de Deus ter variado enormemente entre as sociedades humanas ainda leva alguns pensadores, inclusive aqueles que creem em Deus, a concluir que as religiões devem ser feitas pelos homens. Entretanto, pesquisa detalhada revela uma linha teológica comum ligando as várias religiões. Essa ligação é a crença em um Ser Supremo entre os vários deuses, uma base monoteísta que pode ser encontrada até nos sistemas religiosos externamente panteístas. Por exemplo, o conceito de Deus no Hinduísmo existe como um exemplo único entre as muitas religiões, que dá suporte à opinião que os seres humanos eram originalmente monoteístas e através de vários processos degenerativos se tornaram politeístas. Apesar de seus muitos deuses e ídolos, o Hinduísmo tem um único Deus Supremo acima de todos, Brama.

Tradicionalmente a maioria dos antropólogos concluiu que a religião degenerou-se a partir de vários estágios de politeísmo para o monoteísmo, começando com a deificação primitiva das forças da natureza pelo homem, degenerando em diteísmo para consolidar todos os poderes sobrenaturais em dois deuses principais (um deus do bem e um deus do mal) e, finalmente, simplificando na crença em um único deus, o monoteísmo.

Assim, a religião, de acordo com antropólogos e cientistas sociais, não há origem divina; é meramente um subproduto da evolução das superstições primitivas do homem, com base em sua falta de conhecimento científico. Dessa forma, esses mesmos teóricos acreditam que a ciência irá, no fim, desvendar todos os segredos da natureza, resultando no desuso da religião para explicar fenômenos naturais e a consequente extinção da religião.

A crença inata do homem em um Ser Supremo, entretanto, parece apoiar a visão oposta, propondo que o homem começou monoteísta mas, com o tempo, desviou-se em várias formas de politeísmo. Essa visão é ainda mais apoiada pelo fato de ter sido constatado que todas as supostas tribos primitivas que foram “descobertas” acreditavam em um Ser Supremo. Independente do estágio evolucionário de desenvolvimento religioso em que se encontravam na época da “descoberta”, constatou-se que a maioria acreditava em um Deus Supremo superior a todos os outros deuses e espíritos. Assim, o conceito de um único Ser

Supremo permanece na maioria das religiões como evidência de que as massas se desviaram do monoteísmo concedendo alguns dos atributos de Deus a outros aspectos da criação que, no fim, passaram a serem considerados deuses menores em alguns casos e intercessores em outros. Entretanto, um Deus Supremo, qualquer que seja a forma que Ele assuma, está no centro da maioria das religiões.^[2]

Footnotes:

[1] The Sunday Times, 2 Nov. 97, p. 19.

[2] Como Deus disse no Alcorão: **“Volta o teu rosto para a religião monoteísta. É a obra de Deus, sob cuja qualidade inata Deus criou a humanidade. A criação feita por Deus é imutável. Esta é a verdadeira religião; porém, a maioria dos humanos o ignora.”** (Alcorão 30:30) – *IslamReligion.com*

(parte 2 de 5): Os deuses, o homem é Deus, e Deus Se Torna Suas criaturas

Os deuses

Entretanto, permanece um aspecto da crença em Deus que desafia toda a lógica e razão, mas que se tornou uma pedra angular de fé. É a crença de que Deus Se tornou homem. Onde a crença monoteísta original em Deus degenerou-se em uma crença em que deve haver intermediários entre seres humanos e o Ser Supremo para transmitir as buscas humanas ou agir em nome de Deus no mundo, os intermediários tornaram-se objetos de adoração. Os intermediários geralmente eram concebidos como espíritos encontrados em todas as manifestações da natureza. Consequentemente, os humanos dos tempos primitivos adoravam espíritos da floresta, rios, céus e da terra, etc., até o momento presente. Ocasionalmente a própria natureza era adorada e, em outras épocas, símbolos que representavam a natureza. Os sistemas religiosos que evoluíram a partir desses tipos de crenças tenderam a serem localizados e permaneceram dispersos entre os povos primitivos em todo o mundo até hoje. Tais crenças não convergiram na forma de um sistema de crença único de impacto internacional, com base no que é conhecido nos registros atuais da história humana.

Por outro lado, onde a crença monoteísta degenerou-se na personificação do poder de Deus em entidades intermediárias separadas representadas por imagens, os ídolos se tornaram o ponto focal para adorar Deus. Os poderes de Deus se tornaram deuses. Tais crenças culminaram, em tempos antigos e modernos, em

religiões naturais de impacto internacional. As religiões dos egípcios, gregos e romanos antigos morreram devido à subversão completa desses impérios pelo Cristianismo. Entretanto, a expressão indiana do Hinduísmo sobreviveu às colonizações muçulmana e cristã e permanece a religião nacional de aproximadamente um bilhão de pessoas na Índia. O Cristianismo e o Islã, com exceção de Bali na Indonésia, suplantaram seu impacto internacional direto na maior parte do Oriente Longínquo. Entretanto, as diferentes formas de Budismo, sua derivação, tornou-se a principal religião de centenas de milhões no Oriente Longínquo. Formas diferentes desse movimento de reforma hindu continuam a se propagar no Ocidente hoje.

O homem é Deus

De acordo com o Hinduísmo, o conceito básico é de que tudo é Deus. Não existe nenhuma distinção entre Deus e Sua criação. Na filosofia hindu, todo ser vivo tem um eu ou uma alma que é chamada Âtmã. Em geral acredita-se que a alma é, de fato, Deus, chamado Brama. Consequentemente, a essência da crença hindu é a ideia de que Âtmã e Brama são um e o mesmo; em outras palavras, a alma humana é divina. Além disso, a sociedade humana é dividida em castas ou classes, em que cada casta representa seres humanos que passaram a existir de partes diferentes do ser divino, Brama. A casta superior, os brâmanes, vieram da cabeça de Deus, enquanto que a casta mais baixa, os Sudras, vieram dos pés de Deus. Embora oficialmente só existam quatro castas principais, existem, na realidade, muitas subcastas. Cada uma das castas principais é subdividida em milhares de castas menores. Os hindus acreditam que quando uma pessoa morre, reencarna. A alma, Âtmã, da pessoa morta nunca morre e é continuamente renascida. Se as pessoas são boas nessa vida, serão renascidas em um nível superior do sistema de castas na próxima vida. Se forem más nessa vida, serão renascidas em um nível inferior, uma das principais razões de muitos hindus cometerem suicídio anualmente. Diariamente os jornais registram incidentes de indivíduos e famílias enforcadas em suas casas. Em uma edição recente de um dos jornais locais, um homem hindu se matou quando a Índia perdeu um jogo de críquete com o Sri Lanka. Quando um sistema de crença adota a reencarnação, o suicídio se torna uma rota fácil para fugir das dificuldades nessa vida.

Quando uma pessoa alcança a casta mais alta, os brâmanes, depois de várias reencarnações, o ciclo de renascimento termina e ela se reúne com Brama. Esse processo de reunificação é chamado Moksha e no Budismo é chamado Nirvana[1]. O Âtmã é mais uma vez reunido com Brama. Assim, o homem se torna Deus.

Deus Se torna Suas criaturas

Na crença hindu os atributos de Brama são manifestos como deuses diferentes. O atributo da criação se torna o deus criador *Brama*, o atributo de preservação se torna o deus preservador *Vishnu* e o atributo de destruição se torna o deus destruidor *Siva*. O mais popular entre eles, *Vishnu*, encarna entre seres humanos em diferentes pontos no tempo. Essa encarnação é chamada em sânscrito *avatar*, que significa “descida”. Representa a descida de Deus no mundo humano pela transformação em um ser humano ou em uma das outras criaturas desse mundo. Primariamente o termo *avatar* refere-se às dez principais aparições do deus *Vishnu*. Entre elas está *Matsya*, a encarnação de Deus como um peixe; *Kurma*, como tartaruga; *Varaha* como um porco selvagem; *Narasimha* como meio-homem; *Vamana* como um anão e, provavelmente a mais comum seja *Rama*, a encarnação humana. *Rama* é o herói do épico, *Ramayana*, sobre o qual são feitos filmes apresentados regularmente na Índia. Outro deus popular é *Krishna*, a outra encarnação de *Vishnu* como ser humano. Seu épico é o *Mahabharata*, que descreve a descida dos deuses em formas humanas para salvar a deusa Terra, oprimida por demônios, sobrecarregada pela superpopulação e em risco de dissolução[2]. Existem variações diferentes dessa crença em relação a quantas encarnações existem e quais outras formas animais elas adotam, mas todas geralmente seguem essas manifestações. Consequentemente, no Hinduísmo, a crença de um quinto da humanidade, o homem é Deus ou parte de Deus. A diferença entre o Criador e Sua criação é somente superficial.

O budismo popular compartilha do conceito de encarnação hindu com suas próprias modificações. Ensina que cada ser consciente possui a “natureza Buda” e é, portanto, capaz de tornar-se um Buda. Buda, nos ensinamentos primitivos[3], era verdadeiramente um professor humano que viveu e ensinou. Entretanto, no Budismo *Mayahana* a ideia do Buda “eterno”, personificando a verdade absoluta, se desenvolveu e Buda foi elevado à divindade. Para revelar sua mensagem à humanidade, esse Buda eterno se manifesta de tempos em tempos como um Buda terreno para viver e trabalhar entre humanos. Assim, Sidarta Gautama, o fundador do Budismo, tornou-se apenas uma das aparições terrenas, uma aparição fantasma criada pelo Buda eterno[4]. O Budismo incorporou os elementos do sistema indiano de deuses e céus e respondeu à popularidade do Hinduísmo *Bhakti*, devoção pessoal a entidades salvadoras. A natureza Absoluta ou Buda era vista por alguns como possuidora de atributos manifestos como Budas eternos ou bodhisattvas[5], que existiam em campos espirituais e ofereciam seus méritos, proteção e ajuda na direção da iluminação a todos os seus seguidores que se devotavam a eles.

O principal entre os bodhisattvas eternos era Avalokitesvara, uma personificação de compaixão e Manjusri, uma personificação de sabedoria. E entre

os Budas eternos estavam Aksobhya (o Imperturbável), Amitabha (Luz Eterna) e Amitayus (Vida Eterna).

Footnotes:

[1] Esse é um termo sânscrito que significa “soprado”, referindo-se à extinção de todos os desejos mundanos ou salvação. Embora o termo tenha se originado nos escritos vedanta (*Bhagavad-Gita* e os *Vedas*), é associado mais frequentemente com o Budismo. No Budismo Hinayana o termo é equiparado à extinção, enquanto que no Budismo Mahayana é um estado de graça (*Dictionary of Philosophy and Religion*, p. 393).

[2] A peça teológica central é o Bhagavad Gita (*Dictionary of World Religions [Dicionário de Religiões do Mundo]*, p. 448).

[3] O Budismo *Theravada*, Doutrina dos Anciãos, é essencialmente uma disciplina que um indivíduo pratica para alcançar salvação para si mesmo por si mesmo. Apenas monges que têm vigor e determinação para viver a estenuante vida religiosa podem alcançar esse objetivo e quem o alcança é chamado um *arhant*. Existem dois tipos de *Nirvana*, um com resíduo e outro sem. O primeiro é alcançado pelo *arhant* aqui e agora, os cinco agregados (*skandhas*: que compreendem todos os indivíduos; matéria, sensação, percepção, predisposição e consciência) ainda estão presentes, embora os desejos que levam ao renascimento continuado estejam extintos. *Nirvana* sem resíduo refere-se ao estado do *arhant* após a morte sobre o qual Buda mantém-se em silêncio. Só pode haver um Buda em um éon e a iluminação é reservada para uma elite de poucos. Esse aspecto do Budismo é chamado *Hinayana*, or Veículo Menor.

Com a passagem de tempo após a morte de Buda, os monges Theravada foram criticados por serem muito restritos e individualistas em seus ensinamentos. Surgiram dissensões e o Budismo evoluiu. Uma nova forma, *Mahayana*, ou Grande Veículo, tornou-se dominante. (*Dictionary of World Religions*, pp. 126-127)

[4] *Dictionary of World Religions [Dicionário de Religiões do Mundo]*, p. 129.

[5] Originalmente esse termo referia-se a Budas anteriores enquanto estavam em sua busca por iluminação. No *Mahayana* o bodhisattva adia sua iluminação final completa e o alcance *donirvana* para ajudar todos os outros seres humanos em sua busca por iluminação. (*Dictionary of World Religions*, p. 112).

(parte 3 de 5): Deus Tornou-se um Homem, Homens Tornaram-se Deus. Por quê?



Deus Tornou-se um Homem

A crença cristã na encarnação de Deus tem suas origens nas crenças dos antigos gregos. Os mesmos termos usados para descrever Deus tornando-se

homem existem no Evangelho de João 1:1 & 14: “No início era o Verbo (*logos*) e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.” Então o autor de João prossegue dizendo: “... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade...” Embora o termo grego *logos* seja traduzido como “verbo”, não existe um termo equivalente. Sua importância reside em seu uso como um termo técnico no pensamento metafísico grego do sexto século A.C até o terceiro século E.C e em sua apropriação por pensadores judeus e cristãos. Apareceu primeiro nas expressões de Heráclito (540-480 A.C) como o princípio motivador do universo, mas na época de Aristóteles foi suplantado pelo poder imaterial *nous* e transformado em poder material. *Logos* reapareceu no sistema dos estoicos, que chamaram seu princípio de teologia de *logos* e Deus. Filo (morto em 50 E.C), um filósofo alexandrino judeu, identificou a palavra criativa do Velho Testamento com o *logos* dos estoicos. O *logos* então se tornou um princípio transcendente, como o meio através do qual Deus expressou-Se no mundo. Mas o *logos* também tinha uma função redentora; era o meio para uma natureza espiritual mais elevada. No Evangelho de João o *logos* é criativo e redentor, mas o último aspecto recebe maior ênfase. [1]

Essa crença exigia uma razão, pela qual os conceitos de pecado original e sacrifício divino foram inventados. Alegou-se que devido ao pecado de Adão, que se acumulou através de gerações até tornar-se tão grande que nenhum sacrifício humano poderia removê-lo, precisava de um sacrifício divino. Consequentemente, Deus teve um filho humano, que era o próprio Deus encarnado. O filho de Deus posteriormente morreu em uma cruz como um sacrifício por toda a humanidade para o próprio Deus. O filho, que é o próprio Deus, foi depois ressuscitado e atualmente está sentado ao lado direito do trono de Deus aguardando para julgar a humanidade no fim desse mundo. Então, para os cristãos, um quinto da humanidade, Deus tornou-Se um homem em um único ponto da história desse mundo e a crença em Sua encarnação é essencial para a salvação.

Homens Tornaram-se Deus

A partir da perspectiva da humanidade de Jesus, a crença cristã de que ele é Deus pode ser percebida como a elevação de um único ser humano à condição de divindade. Existe, entretanto, outro corpo de crenças entre muitos dos seguidores do Islã que, como o Hinduísmo e o Budismo, oferecem aos seres humanos a oportunidade de tornarem-se Deus.

A origem de suas crenças pode ser encontrada no misticismo cujas raízes estão em religiões misteriosas dos antigos gregos. O *misticismo* é definido como uma experiência de união com Deus e a crença de que o objetivo principal do homem na vida reside em buscar essa união. O filósofo grego Platão propôs esse conceito em seus escritos, particularmente em seu *Symposium*. Nele ele descreve como a alma humana pode galgar a escada espiritual até finalmente unir-se a Deus

novamente.[2] A base dessa crença é o ensinamento de que os seres humanos são, de fato, partes de Deus que ficaram presas nesse mundo material. O corpo físico envolve a alma humana. Consequentemente, a alma, na visão deles, é divina. A parte presa de Deus nesse mundo deve se libertar do mundo material e se reunir com Deus.

Isso surgiu entre muçulmanos, uma seita, que promoveu essa ideia. Seus seguidores são tradicionalmente chamados de “*sufis*” e seu sistema de crenças é chamado “*Sufismo*”. Esse termo é geralmente traduzido como “misticismo” ou “misticismo islâmico”. É baseado no mesmo conceito dos místicos gregos – de que a alma humana é divina e que a forma de se reunir com Deus é através de certos exercícios espirituais. Vários grupos de sufis se desenvolveram em cultos chamados “*Tariqas*” (caminhos). Cada culto recebeu o nome de seu fundador e cada um tem seu próprio conjunto de exercícios espirituais especiais, cujos membros devem aderir estritamente. A maioria ensina que após os seguidores realizarem os exercícios espirituais, emocionais e físicos se unirão a Deus. Essa unicidade recebeu o título em árabe de *fanaa*, que significa “dissolução”[3] ou *wusul*, que significa “chegada”. O conceito de “unidade com Deus” foi rejeitado pelos principais sábios muçulmanos, mas foi abraçado pelas massas. No século dez um devoto sufi, al-Hallaj (858-922), anunciou publicamente que era Deus e escreveu poemas e um livro chamado *Kitaab at-Tawaseen*. Nele escreveu “Se não reconhecer Deus, pelo menos reconheça seu sinal; sou a verdade absoluta suprema porque através da verdade sou a verdade eterna”. Meus amigos e professores são Iblis[4] e o Faraó. Íblis foi ameaçado pelo Inferno e ainda assim não reconheceu nada entre si próprio e Deus e mesmo que seja morto e crucificado, minhas mãos e pés cortados, não me retrato.[5]

Ibn Arabi (morto em 1240) levou a crença da unidade com Deus um passo adiante ao clamar que somente Deus existe. Escreveu o que se segue em um de seus trabalhos: “Glória a Ele, que fez todas as coisas aparecerem sendo sua essência.”[6] E em outro ele escreveu: “Ele é a essência do que quer que aconteça e é a essência do que está oculto quando Ele aparece. Aquele que O vê não é ninguém mais que Ele e ninguém está oculto Dele porque Ele aparece para Si mesmo enquanto está oculto.”[7] Seu conceito é chamado de *Wahdatul-wujood*(unidade de existência) e tornou-se popular nos círculos sufis em todo o mundo muçulmano.

Por quê?

O que levou os povos antigos a terem a crença de que Deus tornou-se homem ou de que Deus e um homem eram um e o mesmo? A razão fundamental foi a incapacidade desses povos para entender ou aceitar o conceito de Deus criar esse mundo a partir do nada. Perceberam Deus como sendo como eles próprios, criando a partir do que já existe. Os humanos criam coisas através da manipulação

de coisas existentes em outros estados e formas, com funções diferentes. Por exemplo, uma mesa de madeira foi uma árvore na floresta e seus pregos e parafusos foram minério de ferro em rochas sob a terra. Os humanos cortam a árvore e a moldam em um tampo de mesa e pernas; escavam o minério de ferro, derretem-no e o colocam em moldes para produzir pregos e parafusos. Então reúnem as peças para criar uma mesa com usos variados. Da mesma forma, as cadeiras de plástico nas quais as pessoas se sentam agora foram óleo líquido, armazenado nas profundezas da terra. Não é possível imaginar sentar em óleo da forma como as pessoas se sentam em cadeiras. Entretanto, através da habilidade humana de manipular componentes químicos do óleo, o plástico é produzido e as cadeiras são feitas para os humanos. Essa é a essência da atividade humana; os humanos meramente modificam e transformam o que já existe. Não criam as árvores ou produzem o óleo. Quando discutem a produção de óleo, querem de fato dizer extração de óleo. O óleo foi criado milhões de anos antes por processos geológicos; então os humanos o extraíram da terra e o refinaram. Também não criaram as árvores. Mesmo que as plantem, não criaram as sementes que plantam.

Consequentemente, o humano, em sua ignorância de Deus, concebe Deus como um ser exatamente como ele. Por exemplo, no Velho Testamento está escrito: “Deus criou o homem em sua própria imagem; na imagem de Deus ele criou o Homem.” Para os hindus, *Purusa* é o Deus criador Brama em forma humana e, assim como os humanos criam através da manipulação do mundo existente ao seu redor, do mesmo modo o deus criador deve criar.

De acordo com a filosofia hindu, *Purusa* é um descendente gigante de Brama, com milhares de cabeças e milhares de olhos. Dele surgiu *Viraaj*, seu equivalente feminino e companheira no processo de criação. O divino *Purusa* também é a oferta sacrificial (vv. 6-10) e de seu corpo desmembrado surgiram as quatro castas sociais tradicionais (*varnas*).^[8] O Hino de Purusa afirma que os brâmanes são a boca de Purusa; os *ksatriyas* (nobres) seus braços; os *vaishyas*, suas coxas e os sudras, seus pés.^[9] A incapacidade dos hindus em conceberem Deus criando esse mundo a partir do nada, levou-os ao conceito de Deus criando o mundo a partir de Si mesmo e seu povo a partir de partes do Seu corpo.

A habilidade humana de compreender ideias e conceitos é limitada e finita. Os seres humanos não conseguem captar e entender o infinito. A crença, que Deus ensinou a Adão, foi que Deus criou esse mundo do nada. Quando Ele quis que algo existisse, meramente disse: “Seja!” e Seu comando trouxe à existência coisas que não existiam antes. Ele não criou esse mundo e o que ele contém a partir de Si mesmo. De fato, o conceito de Deus criar o mundo a partir de Si mesmo reduz Deus ao nível de Suas criaturas, que meramente criam algo a partir de outra coisa. Aqueles que mantiveram e continuam a manter essa crença são incapazes de captar a singularidade de Deus. Ele é Singularmente Único e nada é

semelhante a Ele. Se Ele tivesse criado o mundo de Si mesmo, seria como Suas criaturas.

Footnotes:

[1] Dictionary of Philosophy and Religion (Dicionário de Filosofia e Religião), p. 314.

[2] Colliers Encyclopedia (Enciclopédia Colliers) vol. 17, p. 114.

[3] Ihyaa ‘Uloom ad-Deen, vol. 4, p. 212.

[4] O nome próprio de Satanás de acordo com a crença islâmica.

[5] Idea of Personality, p. 32.

[6] Al-Futoohaat al-Makkiyyah, vol. 2, p. 604.

[7] *Fusoos al-Hikam*, vol.1, p. 77.

[8] Dictionary of World Religions (Dicionário de Religiões Mundiais), p. 587.

[9] The New Encyclopedia Britannica (A Nova Enciclopédia Britânica), vol. 20, p. 552.